

SUMÁRIO

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA – <i>Djamila Ribeiro</i>	11
1. O LEGADO DA ESCRAVIDÃO: PARÂMETROS PARA UMA NOVA CONDIÇÃO DA MULHER.....	15
2. O MOVIMENTO ANTIESCRAVAGISTA E A ORIGEM DOS DIREITOS DAS MULHERES.....	43
3. CLASSE E RAÇA NO INÍCIO DA CAMPANHA PELOS DIREITOS DAS MULHERES.....	57
4. RACISMO NO MOVIMENTO SUFRAGISTA FEMININO.....	79
5. O SIGNIFICADO DE EMANCIPAÇÃO PARA AS MULHERES NEGRAS	95
6. EDUCAÇÃO E LIBERTAÇÃO: A PERSPECTIVA DAS MULHERES NEGRAS	107
7. O SUFRÁGIO FEMININO NA VIRADA DO SÉCULO: A CRESCENTE INFLUÊNCIA DO RACISMO.....	117
8. AS MULHERES NEGRAS E O MOVIMENTO ASSOCIATIVO	133
9. MULHERES TRABALHADORAS, MULHERES NEGRAS E A HISTÓRIA DO MOVIMENTO SUFRAGISTA.....	143
10. MULHERES COMUNISTAS.....	155
Lucy Parsons	158
Ella Reeve Bloor	160
Anita Whitney.....	164
Elizabeth Gurley Flynn.....	166
Claudia Jones	171
11. ESTUPRO, RACISMO E O MITO DO ESTUPRADOR NEGRO	177
12. RACISMO, CONTROLE DE NATALIDADE E DIREITOS REPRODUTIVOS.....	205
13. A OBSOLESCÊNCIA DAS TAREFAS DOMÉSTICAS SE APROXIMA: UMA PERSPECTIVA DA CLASSE TRABALHADORA.....	225

NOTAS DA EDIÇÃO

Publicado originalmente em 1981, este livro contém algumas referências a lugares, fatos e eventos que podem não existir mais nos dias que correm (como o *apartheid* na África do Sul, à época ainda em vigor).

Os colchetes explicativos ou com traduções ao longo do texto são da edição brasileira; aqueles em citações, tanto os de supressões como os de acréscimos, são da autora.

Guerra Mundial e o trabalho feminino manteve a economia de guerra em funcionamento, mais de 400 mil mulheres negras deram adeus para seus trabalhos domésticos. No auge da guerra, o número de mulheres negras na indústria havia mais que dobrado. Mesmo assim – e essa ressalva é inevitável –, ainda nos anos 1960, pelo menos um terço das trabalhadoras negras permanecia preso aos mesmos trabalhos domésticos do passado e um quinto delas realizava serviços fora do ambiente doméstico⁴².

Em um ensaio ferozmente crítico intitulado “The Servant in the House” [A serviçal na casa], W. E. B. Du Bois argumentou que, enquanto o serviço doméstico fosse a regra para a população negra, a emancipação permaneceria uma abstração conceitual. “O negro”, insistia Du Bois, “não alcançará a liberdade até que esse odioso emblema de escravidão e medievalismo seja reduzido para menos de 10%”⁴³. As mudanças estimuladas pela Segunda Guerra Mundial forneciam apenas uma sugestão de progresso. Após oito longas décadas de “emancipação”, os sinais de liberdade eram sombras tão vagas e distantes que era preciso forçar os olhos para vislumbrá-las.



EDUCAÇÃO E LIBERTAÇÃO: A PERSPECTIVA DAS MULHERES NEGRAS

Milhões de pessoas negras – especialmente as mulheres – foram convencidas de que a emancipação era a “vinda do Senhor”¹. “Era a realização da profecia e da lenda. Era a Aurora de Ouro após mil anos de grilhões. Era tudo de milagroso, perfeito e promissor.”²

Havia alegria no Sul. Ela ascendia como perfume – como uma prece. Homens estremeciam. Moças esguias, morenas, selvagens e belas, com cabelos crespos, choravam em silêncio; jovens mulheres, negras, marrons, brancas e douradas levantavam as mãos trêmulas, e mães velhas e maltratadas, negras e grisalhas, elevavam sua grandiosa voz e gritavam a Deus através dos campos e até o alto de rochas e montanhas.³

Uma incrível canção foi ouvida, a coisa mais linda nascida neste lado do oceano. Era uma canção nova [...] e sua beleza melancólica e profunda, suas cadências e súplicas ansiosas gemiam, pulsavam e vociferavam nos ouvidos do mundo com uma mensagem à qual o homem raramente dava voz, e que se ergueu e floresceu como incenso, improvisada e nascida de uma era há muito tempo terminada, entrelaçando em seu ritmo as letras e intenções de velhas e novas melodias.⁴

É pouco provável que a população negra estivesse celebrando os princípios abstratos da liberdade ao saudar o advento da emancipação. Quando aquele “enorme lamento humano lançou-se ao vento e atirou suas lágrimas ao mar – livre, livre, livre”⁵, a população negra não estava dando vazão a um frenesi religioso. Essas pessoas sabiam exatamente o que queriam: mulheres e homens

¹ W. E. B. Du Bois, *Black Reconstruction in America*, cit., cap. 5.

² *Ibidem*, p. 122.

³ *Ibidem*, p. 124.

⁴ *Idem*.

⁵ *Idem*.

⁴² *Idem*.

⁴³ W. E. B. Du Bois, *Darkwater*, cit., p. 115.

almejavam possuir terras, ansiavam votar e “estavam dominados pelo desejo por escolas”⁶.

Dos 4 milhões de pessoas que comemoraram a emancipação, diversas, como o menino escravo Frederick Douglass, já haviam percebido muito antes que “o conhecimento torna uma criança inadequada para a escravidão”⁷. E tal qual o senhor de Douglass, os ex-proprietários de escravos perceberam que “se você der a mão a um preto, ele vai pegar o braço. O estudo vai estragar até o melhor preto do mundo”⁸. Apesar da proibição de seu senhor Hugh, Frederick Douglass continuou sua busca por conhecimento em segredo. Em pouco tempo, ele sabia escrever todas as palavras da cartilha *Webster*, aperfeiçoando sua habilidade por meio do estudo da Bíblia da família e de outros livros na clandestinidade da noite. Claro, Douglass era um ser humano excepcional e se tornou um pensador, escritor e orador brilhante. Mas seu anseio por conhecimento não era, de forma alguma, incomum entre a população negra, que sempre manifestou uma ânsia profunda pelo saber. Era grande o número de pessoas escravas que desejavam se tornar “inadequadas” para a angustiante existência que levavam. Nos anos 1930, ao ser entrevistada, a ex-escrava Jenny Proctor se lembrou da cartilha *Webster*, que ela e as amigas estudaram sorrateiramente.

Nenhuma de nós tinha permissão para pegar um livro ou tentar aprender. Diziam que ficaríamos mais espertas do que eles se aprendêssemos alguma coisa, mas nós circulávamos por ali, pegávamos aquela velha cartilha *Webster* de capa azul e a escondíamos até a noite e, então, acendíamos uma pequena tocha e estudávamos aquela cartilha. Nós também decoramos o livro. Agora sei ler e escrever um pouco.⁹

O povo negro percebeu que os “quarenta acres e uma mula” da emancipação era um boato mal-intencionado. Teriam de lutar pela terra; teriam de lutar pelo poder político. E, depois de séculos de privação educacional, reivindicariam com ardor o direito de satisfazer seu profundo desejo de aprender. Por isso, assim como suas irmãs e irmãos em todo o Sul, a população negra recentemente liberta de Memphis se reuniu e decidiu que a educação era sua maior prioridade. No primeiro aniversário da Proclamação da Emancipação, exortaram docentes do Norte a se apressarem e a “trazerem suas barracas, prontas para serem armadas

no campo, na beira das estradas ou no forte, sem esperar que imponentes construções fossem erguidas em tempos de guerra [...]”¹⁰.

Com frequência, os poderes mistificadores do racismo emanam de sua lógica irracional e confusa. De acordo com a ideologia dominante, a população negra era supostamente incapaz de progressos intelectuais. Afinal, essas pessoas haviam sido propriedade, naturalmente inferiores quando comparadas ao epítome branco da humanidade. Mas, se fossem realmente inferiores em termos biológicos, as pessoas negras nunca teriam manifestado desejo nem capacidade de adquirir conhecimento. Portanto, não teria sido necessário proibi-las de aprender. Na realidade, é claro, a população negra sempre demonstrou uma impaciência feroz no que se refere à aquisição de educação.

O anseio por conhecimento sempre existiu. Já em 1787, a população negra do estado de Massachusetts apresentou uma petição pelo direito de frequentar as escolas livres de Boston¹¹. Depois que o requerimento foi negado, Prince Hall, que liderou essa iniciativa, abriu uma escola em sua própria casa¹². Talvez a demonstração mais impressionante dessa demanda antiga por educação tenha sido o trabalho de uma ex-escrava nascida na África. Em 1793, Lucy Terry Prince corajosamente requisitou uma reunião com o conselho do recém-criado Colégio Williams para Homens, que se recusou a admitir seu filho. Lamentavelmente, os preconceitos racistas eram tão fortes que a lógica e a eloquência de Lucy Prince não foram suficientes para persuadir o conselho dessa escola de Williamstown. Ainda assim, ela defendeu com agressividade o desejo – e o direito – de seu povo por educação. Dois anos mais tarde, Lucy Terry Prince advogou, com sucesso, diante da mais alta instância do país, uma reivindicação pela posse de terras e, de acordo com os registros disponíveis, continua sendo a primeira mulher a se dirigir à Suprema Corte dos Estados Unidos¹³.

Foi também no ano de 1793 que uma ex-escrava que havia comprado a própria liberdade abriu uma escola na cidade de Nova York, conhecida como Escola Katy Ferguson para Pobres. Seus alunos, que ela buscava em abrigos, vinham tanto da população negra quanto da branca (28 e 20, respectivamente)¹⁴.

¹⁰ Herbert Aptheker, *A Documentary History of the Negro People in the United States*, v. 1, cit., p. 493.

¹¹ Ibidem, p. 19.

¹² Idem.

¹³ Barbara Wertheimer, *We Were There*, cit., p. 35-6.

¹⁴ Gerda Lerner (org.), *Black Women in White America*, cit., p. 76.

⁶ Ibidem, p. 123.

⁷ Frederick Douglass, *The Life and Times of Frederick Douglass*, cit., p. 79.

⁸ Idem.

⁹ Mel Watkins e Jay David (orgs.), *To Be a Black Woman*, cit., p. 18.

e possivelmente eram tanto meninos como meninas. Quarenta anos depois, a jovem professora branca Prudence Crandall defendeu com firmeza o direito das meninas negras de frequentar sua escola em Canterbury, Connecticut. Crandall persistiu no ensino de alunas negras até ser levada para a prisão por se recusar a fechar sua escola¹⁵. Margaret Douglass foi outra mulher branca encarcerada por manter em operação uma instituição de ensino para crianças negras em Norfolk, Virgínia¹⁶.

Os exemplos mais marcantes de sororidade que as mulheres brancas tinham em relação às mulheres negras estão associados à histórica luta do povo negro por educação. Como Prudence Crandall e Margaret Douglass, Myrtilla Miner literalmente arriscou a própria vida ao tentar transmitir conhecimentos a jovens negras¹⁷. Em 1851, quando iniciou seu projeto de instituir na capital federal, Washington, uma escola de formação de professoras negras, ela já havia dado aulas a crianças negras no Mississippi, estado onde educar pessoas negras era crime. Depois da morte de Myrtilla Miner, Frederick Douglass relatou sua própria incredulidade quando ela contara seus planos a ele. Na primeira vez em que se encontraram, ele questionou sua seriedade logo de início, mas então percebeu que

o fogo do entusiasmo iluminava seus olhos e um verdadeiro espírito de mártir ardia em sua alma. Meus sentimentos eram uma mistura de alegria e tristeza. Eis mais uma iniciativa, pensei, ousada, perigosa, desesperada e impraticável, destinada a trazer apenas fracasso e sofrimento. Ainda assim, eu estava profundamente comovido e admirado com a proposta heroica daquela pessoa frágil e delicada que se postava, ou melhor, que andava de um lado para o outro, na minha frente.¹⁸

Douglass não demorou em reconhecer que nenhuma das advertências que tinha feito a ela – nem mesmo as histórias dos ataques sofridos por Prudence Crandall e Margaret Douglass – poderia abalar sua determinação em fundar uma faculdade para professoras negras. “Para mim, a proposta era temerária, beirando a loucura. Na minha imaginação, vi essa mulher frágil sendo perseguida pela justiça, insultada nas ruas, vítima da maldade dos proprietários de escravos e possivelmente espancada por gangues.”¹⁹

¹⁵ Ver o capítulo 2 deste livro.

¹⁶ Philip S. Foner, *The Life and Writings of Frederick Douglass*, v. 4, cit., p. 553, nota 16.

¹⁷ *Ibidem*, p. 371 e seg.

¹⁸ *Ibidem*, p. 372.

¹⁹ *Idem*.

Na opinião de Frederick Douglass, relativamente poucas pessoas brancas, com exceção de ativistas antiescravagistas, simpatizariam com a causa de Myrtilla Miner e a apoiariam contra gangues. Esse era um período, ele argumentava, em que a solidariedade com o povo negro estava em baixa. Além disso, “o distrito de Columbia [era] a verdadeira fortaleza da escravidão, o lugar mais vigiado e protegido pelo poder escravagista, onde tendências humanitárias eram rapidamente detectadas e severamente combatidas”²⁰.

Em retrospecto, entretanto, Douglass confessou que não compreendera de fato quão profunda era a coragem individual dessa mulher branca. Apesar dos graves riscos, Myrtilla Miner inaugurou sua escola no outono de 1851 e, em poucos meses, o número de alunas matriculadas passou de seis para quarenta. Ela deu aulas para as estudantes negras de modo apaixonado pelos oito anos seguintes, simultaneamente arrecadando dinheiro e apelando aos congressistas que apoiassem seus esforços. Ela chegou, inclusive, a exercer papel de mãe para as meninas órfãs que levou para casa, a fim de que pudessem frequentar a escola²¹.

Enquanto Myrtilla Miner lutou para ensinar, e suas alunas para aprender, todas elas enfrentaram despejos, tentativas de incêndio e outros crimes cometidos por gangues racistas armadas com pedras. Tinham o apoio das famílias das jovens estudantes e de abolicionistas como Harriet Beecher Stowe, que lhes doou parte dos direitos autorais recebidos pelas vendas de *A cabana do Pai Tomás*²². Myrtilla Miner talvez fosse “frágil”, como Frederick Douglass observou, mas era definitivamente formidável e sempre foi capaz, durante as aulas, de identificar o olho daquele furacão racista. Uma manhã, entretanto, ela foi acordada abruptamente pelo cheiro de fumaça e por chamadas violentas que em pouco tempo destruíram a casa onde funcionava a escola. Embora a construção tenha sido arruinada, a inspiração que ela despertava perdurou e, um dia, a Escola Miner de Formação de Professoras passou a integrar o sistema educacional público do distrito de Columbia²³. “Nunca passo em frente à Escola Normal Miner para meninas de cor”, confessou Frederick Douglass em 1883, “sem um sentimento de autocensura por ter dito algo que possa ter inibido o

²⁰ *Ibidem*, p. 371.

²¹ *Idem*.

²² Eleanor Flexner, *Century of Struggle*, cit., p. 99.

²³ *Ibidem*, p. 99-101.

entusiasmo, abalado a fé e enfraquecido a coragem da grande mulher que a fundou e cujo nome carrega”²⁴.

A sororidade entre as mulheres negras e brancas era de fato possível e, desde que erigida sobre uma base firme – como no caso dessa incrível mulher e suas amigas e alunas –, poderia levar ao nascimento de realizações transformadoras. Myrtila Miner manteve acesa a chama que outras antes dela, como as irmãs Grimké e Prudence Crandall, deixaram como um poderoso legado. Não poderia ser mera coincidência histórica o fato de que tantas das mulheres brancas que defenderam suas irmãs negras nas situações mais perigosas estivessem envolvidas na luta por educação. Elas devem ter percebido como as mulheres negras precisavam urgentemente adquirir conhecimento – uma lanterna para os passos de seu povo e uma luz no caminho para a liberdade.

As pessoas negras que recebiam instrução acadêmica inevitavelmente associavam o conhecimento à batalha coletiva de seu povo por liberdade. Ao fim do primeiro ano de funcionamento de uma escola para crianças negras em Cincinnati, estudantes a quem foi feita a pergunta “sobre o que você *mais* pensa?” deram as seguintes respostas:

- 1) Nós [...] seremos bons meninos e, quando nos tornarmos homens, vamos livrar os pobres escravos do cativeiro. Fiquei triste em ouvir que o barco de Tiskilwa afundou com duzentos pobres escravos [...] dói tanto em meu coração que eu poderia desmaiar em um minuto. (Sete anos de idade)
- 2) [...] Estamos estudando para tentar arrebrantar o jugo da escravidão e partir as correntes em pedaços para que a posse de escravos termine para sempre. (Doze anos)
- 3) [...] Bendita seja a causa da abolição. [...] Minha mãe, meu padraço, minha irmã e eu nascemos na escravidão. O Senhor permitiu que as pessoas oprimidas fossem libertadas. Que venha logo a época feliz em que todas as nações conheçam o Senhor. Agradecemos a ele por suas muitas bênçãos. (Onze anos)
- 4) [...] Isto é para informar vocês de que tenho dois primos escravos que têm direito à liberdade. Eles fizeram tudo que é necessário, mas não deixam eles irem. Falam em vendê-los rio abaixo. Se fosse com vocês, o que vocês fariam? (Dez anos)²⁵

A última resposta que sobreviveu em registros é de uma aluna ou aluno de dezesseis anos dessa escola recém-aberta em Cincinnati. Trata-se de um exemplo

fascinante do modo como estudantes atribuíam um sentido contemporâneo à história mundial, mais próximo de sua realidade e de seu desejo de liberdade.

5) Vamos voltar ao passado e observar o modo como os bretões, os saxões e os germânicos viviam. Eles não tinham estudo e não conheciam as letras. Não parece, mas alguns deles foram nossos antepassados. Vejam o rei Alfred, que grande homem ele foi. Por um tempo, ele não sabia o abecedário, mas antes de morrer comandou exércitos e nações. Ele nunca desanimou, sempre olhou adiante e estudou com mais afinco. Acho que, se as pessoas de cor estudarem como o rei Alfred, elas logo poderão se livrar do mal da escravidão. Não consigo entender como os estadunidenses dizem que este é um país de liberdade, com toda a escravidão que existe.²⁶

No que diz respeito à fé que o povo negro depositava no conhecimento, essa criança de dezesseis anos disse tudo.

Tal sede insaciável por conhecimento era tão poderosa entre escravos e escravos do Sul como entre suas irmãs e irmãos “livres” do Norte. Desnecessário dizer que os limites impostos à alfabetização da população escrava nos estados escravagistas eram muito mais rígidos do que no Norte. Depois da rebelião de Nat Turner, em 1831, a legislação que proibia o acesso da população escrava à educação recrudescera em todo o Sul. Nas palavras de um dos códigos que normatizavam a escravidão no país, “ensinar escravos a ler e a escrever tende a incutir a insatisfação em suas mentes e a produzir insurreição e rebelião”²⁷. Com exceção de Maryland e Kentucky, todos os estados do Sul vetavam completamente a educação para a população escrava²⁸. Em todo o Sul, os proprietários de escravos recorriam ao tronco e ao açoite para conter o desejo irreprimível que escravos e escravos tinham de aprender. O povo negro queria ser educado.

A pungência da luta escrava pelo aprendizado estava presente em todos os lugares. Frederika Bremer encontrou uma jovem que tentava desesperadamente ler a Bíblia. “Oh, este livro”, ela gritava para a senhora Bremer. “Eu viro e reviro estas páginas e quero entender o que está escrito nelas. Tento, tento; eu seria tão feliz se soubesse ler, mas não sei.”²⁹

²⁶ Idem.

²⁷ William Goodell, *The American Slave Code* (Nova York, American and Foreign Anti-Slavery Society, 1853), p. 321, citado em Stanley Elkins, *Slavery*, cit., p. 60.

²⁸ Idem.

²⁹ Eugene D. Genovese, *Roll, Jordan, Roll*, cit., p. 565.

²⁴ Philip S. Foner, *The Life and Writings of Frederick Douglass*, v. 4, cit., p. 373.

²⁵ Herbert Aptheker, *A Documentary History of the Negro People in the United States*, v. 1, cit., p. 157-8.

Susie King Taylor foi enfermeira e professora no primeiro regimento negro da Guerra Civil. Em sua autobiografia, ela descreve seus esforços persistentes como autodidata durante a escravidão. Crianças brancas, pessoas solidárias e sua avó a ajudaram a desenvolver as habilidades de ler e escrever³⁰. Tal qual a avó, muitas escravas se arriscaram ao transmitir às suas irmãs e irmãos as habilidades acadêmicas adquiridas de forma clandestina. Mesmo quando se viam obrigadas a dar aulas durante a madrugada, as mulheres que conseguiram obter algum conhecimento tentavam dividi-lo com seu povo³¹.

Esses eram alguns dos primeiros sinais – tanto no Norte como no Sul – de um fenômeno pós-emancipação que Du Bois chamou de “um frenesi por escolas”³². Outro historiador descreveu com as seguintes palavras a sede de aprendizado da população ex-escrava:

Com uma ânsia nascida dos séculos de privação, ex-escravos veneravam a visão e o som da palavra impressa. Homens idosos e mulheres já à beira do túmulo eram vistos na noite escura, debruçados sobre as Escrituras, à luz de tochas de pinho, soferando com dificuldade as palavras sagradas.³³

De acordo com outro historiador, “um grande número de docentes relatou ter percebido um desejo muito mais aguçado de aprender entre as crianças negras do Sul no período da Reconstrução do que entre as crianças brancas do Norte”³⁴.

Cerca da metade dos docentes que se voluntariaram para integrar a gigantesca campanha educacional promovida pelo Freedmen's Bureau* era de mulheres. Mulheres brancas do Norte foram para o Sul durante a Reconstrução para ajudar suas irmãs negras que estavam absolutamente determinadas a eliminar o analfabetismo entre os milhões de ex-escravos e ex-escravas. As dimensões dessa tarefa eram hercúleas: de acordo com Du Bois, a taxa de analfabetismo vigente era

³⁰ Gerda Lerner (org.), *Black Women in White America*, cit., p. 27 e seg. e p. 99 e seg.

³¹ *Ibidem*, p. 328.

³² W. E. B. Du Bois, *Black Reconstruction in America*, cit., p. 123.

³³ Lerone Bennett, *Before the Mayflower* (Baltimore, Penguin, 1969), p. 181.

³⁴ William Z. Foster, *The Negro People in American History*, cit., p. 321.

* Nome pelo qual era conhecida a agência do governo estadunidense criada em 1865 para tratar principalmente das condições de trabalho e dos direitos civis da população escrava emancipada no período da Reconstrução. A agência, cujo nome completo era Bureau of Refugees, Freedmen, and Abandoned Lands [Agência para Refugiados, Pessoas Libertas e Terras Abandonadas], sofreu forte oposição e foi fechada em 1872, quando o Congresso negou a liberação de recursos para financiar suas atividades. (N. T.)

de 95%³⁵. Nas narrativas sobre a era da Reconstrução e nos registros históricos do Movimento pelos Direitos das Mulheres, as experiências das mulheres negras e brancas em seu trabalho conjunto na luta por educação receberam atenção escassa. Entretanto, a julgar pelos artigos no Freedmen's Record [Arquivo do bureau Freedmen], não há dúvidas de que essas professoras se inspiravam mutuamente e também tiravam inspiração de suas alunas e alunos. Quase sempre as anotações das professoras brancas mencionavam o comprometimento obstinado das ex-escravas e ex-escravos com a aquisição de conhecimento. Nas palavras de uma professora que trabalhava em Raleigh, na Carolina do Norte, “para mim, é surpreendente ver o grau de sofrimento que muitas dessas pessoas enfrentam a fim de mandar suas crianças para a escola”³⁶. O conforto material era sacrificado sem hesitação para garantir o progresso educacional: “Vê-se uma pilha de livros em quase todas as cabanas, ainda que não haja móveis, além de uma cama simples, uma mesa e duas ou três cadeiras quebradas”³⁷.

Como professoras, as mulheres negras e brancas pareciam ter desenvolvido uma profunda e intensa admiração mútua. Uma mulher branca que trabalhava na Virgínia, por exemplo, ficou imensamente impressionada com o trabalho de uma professora negra recém-libertada da escravidão. “Parece um milagre”, ela assinalou, que “uma mulher de cor que foi escrava até o momento da Rendição tenha sucesso em uma vocação tão nova para si [...]”³⁸. Em relatórios escritos por ela, a mulher negra em questão expressou sua sincera – embora de forma alguma servil – gratidão pelo trabalho de suas “amigas do Norte”³⁹.

Na época da traição de Hayes* e da derrocada da Reconstrução Radical, as realizações na área da educação haviam se tornado uma das provas mais contundentes dos avanços durante aquele período potencialmente revolucionário. A Universidade Fisk, o Instituto de Hampton e diversas outras escolas e universidades negras haviam sido criadas no Sul no período seguinte à Guerra

³⁵ W. E. B. Du Bois, *Black Reconstruction in America*, cit., p. 638.

³⁶ Gerda Lerner (org.), *Black Women in White America*, cit., p. 102.

³⁷ *Ibidem*, p. 103.

³⁸ *Ibidem*.

³⁹ *Ibidem*, p. 104-5.

* Referência a Rutherford B. Hayes, que, após vencer as eleições presidenciais estadunidense em 1877, não cumpriu sua promessa de manter as tropas que garantiam a Reconstrução nos estados do Sul. Quando fora governador de Ohio, Hayes havia lutado pelo sufrágio negro em seu estado, mas após se eleger presidente vetou medidas que ampliariam os direitos civis da população negra. (N. T.)

Civil⁴⁰. Cerca de 247.333 estudantes frequentavam 4.329 escolas – que foram a base para o primeiro sistema de escolas públicas do Sul, o que beneficiaria tanto as crianças negras quanto as brancas. Embora o período pós-Reconstrução e a concomitante ascensão do modelo educacional Jim Crow tenham diminuído de modo drástico as oportunidades de educação para a população negra, o impacto da experiência da Reconstrução não podia ser totalmente eliminado. O sonho de possuir um pedaço de terra estava por ora destrocado, e a esperança de obter igualdade política esmaeceu. Mas o farol do conhecimento não seria facilmente apagado – e essa era a garantia de que a luta pela terra e pelo poder político continuaria sem trégua.

Se não fosse pelas escolas e faculdades para a população negra, esta teria sido, para todos os efeitos, conduzida de volta à escravidão. [...] A liderança do processo de Reconstrução veio dos negros cultos do Norte e de políticos, capitalistas e professores voluntários brancos. A contrarrevolução de 1876 afastou a maioria dessas pessoas, exceto as professoras e os professores. Mas àquela altura, por meio da criação de escolas públicas e particulares e da organização da igreja negra, a população negra havia adquirido poder de liderança e conhecimento suficientes para impedir os piores projetos dos novos feitores.⁴¹

Com a ajuda de suas aliadas brancas, as mulheres negras tiveram um papel indispensável na criação dessa nova fortaleza. A história da luta das mulheres por educação nos Estados Unidos alcançou o auge quando as mulheres negras e brancas comandaram juntas, depois da Guerra Civil, a batalha contra o analfabetismo no Sul. A união e a solidariedade entre elas ratificaram e eternizaram uma das promessas mais férteis de nossa história.

⁴⁰ John Hope Franklin, *From Slavery to Freedom*, cit., p. 308.

⁴¹ W. E. B. Du Bois, *Black Reconstruction in America*, cit., p. 667.



O SUFRÁGIO FEMININO NA VIRADA DO SÉCULO: A CRESCENTE INFLUÊNCIA DO RACISMO

Certa manhã, [Susan B. Anthony] tinha compromissos na cidade que a impediriam de trabalhar com a estenógrafa que havia contratado. Na mesa, durante o café, ela comentou que eu poderia pedir à estenógrafa que me ajudasse com minha correspondência, já que ela teria de se ausentar durante toda a manhã, e que diria à estenógrafa, quando subisse, que viesse a fim de que eu ditasse algumas cartas. Quando subi para o meu quarto, esperei que a estenógrafa viesse; como não veio, concluí que ela não havia achado conveniente e escrevi minhas cartas à mão. Quando a srta. Anthony voltou, veio ao meu quarto e me encontrou bastante ocupada. “Você não quis os serviços da minha secretária, imagino. Eu disse a ela para vir ao seu quarto quando você subisse. Ela não veio?” Eu disse que não. Ela não falou mais nada e foi até seu escritório. Dez minutos depois, ela estava de volta em meu quarto. Como a porta estava aberta, ela entrou e disse: “Bem, ela foi embora”. Eu disse: “Quem?”. Ela disse: “A estenógrafa”. Eu disse: “Para onde?”. Ela disse: “Bem, eu fui ao escritório e disse: ‘Você não falou para a srta. Wells o que eu disse sobre escrever algumas cartas para ela?’”. A moça disse: “Não, não falei”. “E por quê?” Então, a moça disse: “Para a senhora, srta. Anthony, é normal tratar as pessoas negras com igualdade, mas me recuso a anotar ditados de uma mulher de cor”. “É mesmo?”, disse a srta. Anthony. “Pois, então”, ela disse, “você não precisa anotar mais ditados meus. A srta. Wells é minha convidada, e qualquer insulto a ela é um insulto a mim. Por isso, se é assim que você se sente, não precisa mais ficar aqui.”¹

Esse diálogo entre Susan B. Anthony e Ida B. Wells, que mais tarde fundaria a primeira agremiação de sufragistas negras, aconteceu naqueles “dias preciosos em que eu [Wells] me sentava aos pés dessa pioneira e veterana na causa do sufrágio feminino”². A admiração de Wells pela postura individual de Anthony

¹ Ida B. Wells, *Crusade for Justice: The Autobiography of Ida B. Wells* (org. Alfreda M. Duster, Chicago/Londres, University of Chicago Press, 1970), p. 228-9.

² Idem.